

Memórias de Um Tempo - Antônio Lago

Katia (Entrevistadora): Boa tarde, estou aqui com o senhor Antônio Lago morador do município de José Gonçalves de Minas. Vou fazer uma entrevista com ele para que contem um pouquinho dos causos, como são as histórias aqui de José Gonçalves. Antônio, fala para nós, conta um pouquinho: como era antigamente aqui, quando você era mais novo? Como era a vida na roça, aqui na Fazenda Lago? Era do mesmo jeito que hoje? Mudou alguma coisa? Como era viver na roça antigamente?

Antônio: Ah, hoje é totalmente diferente, né? Mudou da água para o vinho. Antigamente aqui



na Veixeca, o povão se ajudava de todas as formas, né? A gente ajudava a derrubar o mato, estocar, plantar, colher... hoje é totalmente diferente, hoje não se engaixa ninguém mais nesse sentido, que ajuda. As coisas hoje estão totalmente... só que mudaram muitas coisas para melhor, né? Graças a Deus, muitas coisas para melhor. A diversão minha... a primeira coisa era o cavalo de pau, né? Andar no cavalinho de pau, ia tomar banho no rio, brincar de esconder-esconde... Era assim, nossa vida cotidiana, naquele tempo.

Ah, minha vida na roça foi sempre sofrida. Trabalhando... Naquela época a gente vivia trabalhando pra fora, pros outros. Tinha gente que nem aqui mesmo, na fazenda, a gente vinha trabalhar. Vinha cantante, vinha todo mundo trabalhar aqui. Chamava ali umas três pessoas, mas tinha vez que vinha até cinquenta pessoas. Chegou aqui e a gente recebeu todo o mundo bem, né? Alimentava a gente, e a gente também alimentava. E aí a gente recebeu... um pouquinho de dinheiro, recebia alimento, sabe? Do que tirava da roça, davam pra gente.

Katia (Entrevistadora): Teve momentos que você pode dizer assim que passou fome? Você sentiu fome alguma vez?

Antônio: Não, às vezes sim. Vontade de querer ter as coisas e não tinha? Não tinha. Aí tinha algumas vezes que a gente não podia sair. O que a gente faz? A gente pegava a ganhaçaia lá no mato. Naquele tempo chovia muito, aí a gente cortava ela fininha e fazia aquela salada, temperava. Faz uma salada, o que se chama? Ganhaçaia. Ganha, saia. Que é, um mato. É, hum mato. É um mato que tinha, né? Ela arrancava assim, puxava fora. A gente empalhava, tinha berduega também. Berduega. Cortava ela fininha, fazia aquela farofa também, fininha, era bom demais.

Katia (Entrevistadora): E nas noites, o que vocês fizeram para descansar, até chegar a hora de dormir?

Antônio: Não, naquela época, nós é... A dormida era assim: a gente arrumava uma tábua ali e deixava. É, barba limpa. As camas eram de cate de correia. De couro, né? Couro de boi. Era o cate que é feito de madeira, né? Mas ali era para aquelas pessoas que eram mais velhas, mais graúdas, daquela cama. Agora, as pessoas que nem eu, assim, outros e outros que foram naquela época, o que acontece? A gente tirava a casa, ia para o mato, tirava com as varas fininhas certinhas, e aí fazia aquela geralzinha e dormitório. E ali não tinha cobertura para cobrir. E na época do frio? É, a gente não sente frio, não. Não senti frio, não passei e estava tudo bem.

Katia (Entrevistadora): E quando tinha as festas, como é que eram? Para ir nas festas?

Antônio: As festas eram boas demais! O povo cantava, um violão tocava, sanfona, outro batia o prato, rapava o prato, cantava... Era uma alegria toda, né? Muito alegre.

Katia (Entrevistadora): E o que era o prato principal na festa daquela época? O que vocês comiam que era gostoso de fazer, que servia nas festas?

Antônio: Fazia bolo de folha. Hoje é cabo de machado, né? Os biscoitos. Bebia uma pinga. Era a pinga que era a bebida, tinha gente que bebia ela, fazia a queimada. Outros já rapavam a rapadura e punha dentro da pinga e ficavam assim, virava a queimadinha e bebia.

Katia (Entrevistadora): E também o pessoal da região também é muito religioso, sempre foi, né?

Antônio: Foi. Uma das coisas que você tem na lembrança é uma religião também. O povo não tinha violência. Tinha uns que quando acontecia, acontecia. Mas que nem certas coisas que acontecem hoje, não acontecia de primeira. Era tudo muito mais calmo, né? As pessoas respeitavam uns aos outros, era desse jeito. Você via mais respeito do que hoje. Hoje você não vê tanto, né?

Katia (Entrevistadora): O senhor teve muitos filhos?

Antônio: Os meus filhos são 11. A gente teve bastante dificuldade pra criar, bastante mesmo. Eu saía... A minha esposa sempre está doente, desde quando eu me amiguei com ela. Eu me amei na idade de 13 anos. E aí... Ela ficou grávida e deu um filho. Aí ela é sem saúde, né? Continuava doente, todo ano um filho. Doente, doente, todo ano um filho. E aí, então imperou os 11. E aí pra mim tratar deles, o que eu tinha que fazer? Eu saí pra fora pro corre de cana, ia batendo facão, ia batendo facão pra sustentar eles. Lá eu mandei o dinheiro para ela pegar o alimento ali em Rodolfo. Rodolfo foi uma pessoa que também foi o pai da vida de muitos e de mim. Porque ali até dinheiro emprestado quando a coisa engranava, que às vezes lá não tinha, nos outros lugares tinha e lá não tinha, ele emprestava para mim e entregava para ela. Aí ela comprou nos outros cantos. Era uma mercearia da cidade, do vilarejo, que o pessoal trabalhava no corte de cana e ele fornecia. E aí esperava que nós ir lá e trabalhar, ganhar dinheiro e voltar pra pagá-lo. E sempre foi assim. E lá eu estou até hoje. Nunca saí de lá, né?

Katia (Entrevistadora): Muito bem. Mas hoje você dá graças a Deus, está tudo criado.

Antônio: Graças a Deus. Está tranquilo. Mas o que acontece? Só que no meio disso tem umas mudanças, porque quando ele era pequeno, deu trabalho. E agora, depois de grande, muitos deles dão mais trabalho do que quando era pequeno. O trabalho de agora é que eles querem dominar, né? Eles acham que... de maior. Eu não posso ralhar aqueles aí. Se eu for falar com aqueles aqui, é mais até você. A desobediência hoje é maior. É, é desse jeito. Faça isso antes. Antes você podia dar um castiguinho e eles obedeciam, né?

Katia (Entrevistadora): Isso é a vida, né? Muito bem seu Antônio, Obrigado!

